

**Sara Vieira**

## **Relatório de Estágio**

**A Importância da avaliação formativa nas diversas disciplinas, na Escola Secundária de Penafiel.**

Mestrado em Ensino de Educação Física  
nos Ensinos Básico e Secundário

**Orientadores:** Prof. Dr. Nuno Garrido  
Dra. Cristina Ferraz

**UTAD**  
**Vila Real – 2013**

Relatório de estágio apresentado à UTAD, no DEP – ECHS, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física dos Ensino Básico e Secundário, cumprindo o estipulado na alínea b) do artigo 6º do regulamento dos Cursos de 2ºs Ciclos de Estudo em Ensino da UTAD, sob a orientação do Professor Doutor Nuno Garrido e da Dra. Cristina Ferraz.

## **Agradecimentos**

À professora Cristina Ferraz, nossa orientadora, pelo apoio, ajuda e todo o conhecimento que nos transmitiu ao longo deste estágio.

À Escola Secundária de Penafiel por me ter recebido, e por me ter proporcionado todos os recursos para que o estágio se desenrolasse com êxito, em especial ao Diretor da mesma, Doutor Vitor, sempre disposto a ajudar.

À colega amiga e Joana Soares por todo o ano de companheirismo e ajuda.

À turma à qual lecionei durante o ano de estágio, 10ºB, pelos bons momentos que passamos, e por me terem moldado, e feito crescer como profissional.

Aos meus pais e a minha irmã que me sempre apoiaram, me ajudaram e me deram uma palavra de conforto e coragem nos momentos mais difíceis e de maior cansaço.

Ao meu namorado, pela paciência que teve para comigo, e pela força que me deu para que atingisse a meta a que me propus.

Ao professor Doutor Nuno Garrido pela ajuda que nos disponibilizou, e também pela paciência que teve comigo.

## Índice

Agradecimentos .....	IV
Índice.....	V
Índice de tabelas .....	VI
Introdução .....	2
1 – Relatório de Estágio.....	5
I.Tarefas de Estágio de Ensino Aprendizagem .....	6
II.Tarefas de Estágio de Relação Escola-Meio.....	24
III.Atividades na Escola .....	34
IV.Tarefas de Estágio de Extensão à Comunidade.....	42
2 – Estudo Desenvolvido .....	48
A Importância da avaliação formativa nas diversas disciplinas, na Escola Secundária de Penafiel.....	49
Conclusões Gerais.....	58
Bibliografia .....	63

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1:</b> Critérios de avaliação da disciplina de EF, para o ensino secundário.....	22
<b>Tabela 2:</b> Comparação dos resultados médios obtidos na avaliação diagnóstica e sumativa.....	23
<b>Tabela 3:</b> Resultados das respostas às questões “era capaz de classificar os alunos sem o momento de avaliação sumativa?” e “ considera que a formação de professores ajuda a dar resposta às necessidades dos alunos?” .....	54
<b>Tabela 4:</b> Resultados da média, desvio padrão relativamente à PAF e IAF	54
<b>Tabela 5:</b> Resultados da média, desvio padrão relativamente à PAF e IAF de acordo com as diferentes áreas.....	54
<b>Tabela 5:</b> Resultados das comparações entre a PAF e IAF com as questões II1, II2, e diferentes áreas .....	55

## **Abreviaturas**

**DE**- Desporto Escolar

**DT**- Direção de Turma

**EF**- Educação física

**UD**- Unidade Didática

**UTAD** – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

---

## INTRODUÇÃO

“Ser professor é ser artista,  
malabarista,  
pintor, escultor, doutor,  
musicólogo, psicólogo...  
É ser mãe, pai, irmã e avó,  
é ser palhaço, estilhaço,  
É ser ciência, paciência...  
É ser informação,  
é ser ação.  
É ser bússola, é ser farol.  
É ser luz, é ser sol.  
(...)  
Ser professor...  
É um vício ou vocação?  
É outra coisa...  
É ter nas mãos o mundo de  
AMANHÃ”  
(José Nuno Oliveira 1998)

## Introdução

O presente documento foi realizado no âmbito do estágio realizado, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

O referido estágio decorreu na Escola Secundária de Penafiel, sob a orientação da Professora Cristina Ferraz. O núcleo de estágio pertencente a esta escola, constituído por mais dois elementos, Joana Soares e Tiago Paiva, contou com a supervisão do Professor Doutor Nuno Garrido, da UTAD.

No início do ano letivo, foi-me comunicado que seria responsável por lecionar a uma das turmas atribuída à professora orientadora, a turma B do décimo ano. Portanto durante este meu percurso acompanhei o processo de ensino-aprendizagem destes alunos, sempre apoiada e ajudada pela referida docente.

Este documento encontra-se dividido em dois capítulos. O primeiro diz respeito ao estágio em si, nomeadamente a uma resumida reflexão de todo o percurso realizado, de toda a atividade desenvolvida. Nele faço referência às atividades de ensino e aprendizagem, às atividades de relação escola-meio, às atividades na escola, e às tarefas de estágio de extensão à comunidade, que se apresentam como subcapítulos. No primeiro debruço-me sobre as aulas em si, a sua planificação, as dificuldades sentidas e as estratégias utilizadas. Decidi englobar a abordagem das práticas de ensino supervisionadas, das unidades didáticas e dos respetivos planos uma vez que, na minha opinião, tudo se interliga, e cada um destes parâmetros, não fariam sentido sem a existência dos restantes. No segundo subcapítulo refiro-me ao estudo de turma, à sua utilidade, à importância que o revestiu, na medida em que beneficiou o processo de ensino. No terceiro realço todas as atividades realizadas ao longo do ano letivo na escola, e no quarto e

último capítulo abordo as tarefas de estágio extendidas à comunidade, as quais geraram oportunidades únicas no âmbito do trabalho científico.

O objetivo do Estágio Supervisionado é proporcionar ao aluno a oportunidade de aplicar os seus conhecimentos académicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício das suas habilidades. Espera-se que o aluno tenha a opção de incorporar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica de sua área de atuação profissional. (Oliveira & Cunha, 2006 cit.por Bernardy, K. 2012).

À luz da reflexão de uma UD, que reflete aspetos bons e menos bons, o relatório permitiu-me refletir também, sobre todo o processo desenvolvido relativamente a esses aspetos.

Portanto esta primeira parte espelhará um pouco os sentimentos experimentados, conhecimentos e as competências adquiridos, de um estágio que assumiu um papel fulcral na minha vida, estabelecendo uma ponte entre uma jovem estudante pouco ciente da realidade, e uma jovem em final de curso mais experiente, mais exigente, mais preparada para iniciar novas etapas da vida. Farei então uma breve reflexão sobre este, focando momentos, para mim, mais significativos, uma vez que este é “o meu relatório de estágio”.

No segundo capítulo apresento o estudo por mim realizado, intitulado “A Importância da avaliação formativa nas diversas disciplinas, na Escola Secundária de Penafiel.”, que me proporcionou conhecimento mais profundo, sobre a temática da avaliação, gerando em mim mais curiosidade e interesse sobre a mesma.

Esta experiência foi deveras marcante, interessante, enriquecedora enquanto profissional, e acima de tudo enquanto pessoa. Pôs à prova os meus limites, as minhas forças. Desenvolveu as minhas competências e destrezas, gerando opiniões, reflexões, pensamentos, ideias, convicções.

Após toda a reflexão, recordarei esta etapa como difícil, mas certamente recordarei com carinho, satisfação, e admiração por todo o trabalho

realizado, por toda a realidade com que me deparei, e acima de tudo por toda a experiência que adquiri.

# 1

## Relatório de Estágio

## I. Tarefas de Estágio de Ensino Aprendizagem

Tudo começou no dia em que nos dirigimos à universidade para realizarmos a escolha da escola para a qual iríamos estagiar, uma vez que se avizinhava o ano de estágio, inserido no segundo ciclo de estudos, do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Como partilhámos os anos de licenciatura, e convivemos em quase todos os momentos, eu e a colega/ amiga Joana Soares unimo-nos no sentido de escolhermos juntas o mesmo “destino”. Esta escolha não foi fácil, pois encontrávamo-nos, inicialmente, divididas entre três opções, optando finalmente pela Escola Secundária de Penafiel pela aproximação da área de residência. Tivemos conhecimento que teríamos que partilhar “este desafio” com o colega Tiago Paiva, com quem pouco ou nada nos relacionávamos, uma vez que este frequentou outro estabelecimento de ensino durante a licenciatura, e pertenceu a uma turma diferente da nossa no primeiro ano do mestrado em questão.

As referências que possuíamos da escola eram boas, as instalações da mesma conhecíamos como excelentes numa visita que havíamos feito à mesma no último ano de licenciatura, quando fomos assistir à ação de informação realizada pelos estagiários da altura, do nosso curso. Para além de termos conhecimento de todos estes aspetos, também nos deram a conhecer a exigência da escola, e os rigorosos métodos de trabalho que futuramente teríamos de cumprir, e sabíamos à partida, que esta nova fase iria exigir muito de nós.

No dia três de Setembro do ano de 2012, apresentámo-nos pela primeira vez na escola em questão. Fomos extremamente bem recebidas pelo diretor da escola, o Doutor Vítor Leite, que simpaticamente nos informou que a nossa futura orientadora ainda não se encontrava ao serviço, e que teríamos que voltar dias mais tarde.

No dia que conhecemos a Professora Cristina Ferraz, tivemos oportunidade de conhecer melhor a escola, numa visita guiada aos vários corredores e

pontos de referência. A partir deste dia, iniciou-se uma fase de trabalho árduo. Foi fácil? Estaria a mentir se o afirmasse. Foram tempos bastante difíceis, inseridos numa rotina completa diferente daquela à qual estava habituada.

A minha personalidade aliada ao facto de ser jovem fez com que por vezes os alunos não distinguissem os diferentes papéis do que é ser professor e aluno. Quando por vezes fui mais tolerante, os alunos quebraram o respeito, e houve tendência à ocorrência de comportamentos menos apropriados, posso dizer inadequados.

Percebi que não podia facilitar, pois iria acabar por me prejudicar.

Foi uma espécie de conflito para mim. Saber qual a postura que deveria adotar de modo a conseguir ter uma relação saudável com os alunos, evitando ser autoritária, e ao mesmo tempo de modo a conseguir cumprir os objetivos previstos sem ocorrência de comportamentos que pusessem em causa o saudável e bom funcionamento da aula.

Cheguei à conclusão, provavelmente tardiamente, que são os alunos que acabam por moldar o professor. No meu caso, estes alunos “impossíveis e irrequietos” acabaram por me moldar a mim. Tive que me adaptar aos mesmos, e deixar que “me ajudassem” a criar um bom clima na aula. A certa altura, quando tentei dialogar com a turma, um aluno disse-me “quanto mais berrar connosco pior é professora”. Agradei de imediato a apreciação, pois considero que o professor deve dar oportunidade aos alunos para se expressarem, e de nos darem um *feedback* sobre a nossa árdua tarefa de ensinar. O comportamento dos alunos foi sem dúvida a minha maior dificuldade durante este estágio. Saber como controlá-los, qual a melhor atitude a tomar perante cada um, de acordo com a sua personalidade. Foram muitas as conversas no gabinete com a professora Cristina Ferraz, orientadora, que me ajudou vezes sem conta a lidar com os alunos. Utilizei estratégias que jamais pensaria ter que utilizar neste meu “primeiro ano como professora de verdade”. Estratégias que foram resultando, estratégias que fui ajustando para conseguir cumprir os meus objetivos, e, aqueles, que

pretendia que os alunos atingissem. Desde a sentar-me no chão à espera que os alunos se silenciassem nos momentos de instrução, a repreensões constantes, a conversas particulares com os mesmos, ou a utilizações de ironias, de tudo tentei para os acalmar, para criar um clima saudável na relação professor-aluno. Foi uma luta constante ao longo de todo o ano letivo, principalmente com que aqueles jovens que competiam entre si, que eram por vezes egoístas, que revelavam inúmeros comportamentos de rebeldia ou de imaturidade. No entanto, por outro lado, tive o prazer de lecionar também a alunos brilhantes, com uma postura e comportamento excelentes que esta turma tão heterogénea, também, possuía.

Foi esta escola e os alunos que me ajudaram a crescer, que fizeram desencadear dentro de mim um turbilhão de sentimentos e emoções. Apesar de por vezes o mau comportamento daqueles jovens adolescentes ter sido um obstáculo para mim, a turma que me foi destinada ao nível psicomotor enchia-me de orgulho. Participaram ativamente nas atividades da escola com empenho e dedicação, alcançando sempre bons resultados não só nas referidas atividades mas também nos momentos de avaliação. De salientar que este bom desempenho se verificou também em unidades didáticas lecionadas em poucas aulas.

Sentia-me orgulhosa, e simultaneamente satisfeita pois, apesar de por vezes a nossa relação em contexto sala de aula possuir alguns contratempos, os alunos compreendiam bem a informação por mim transmitida, e evoluíram consideravelmente em todas as modalidades lecionadas.

Tentei sempre não diferenciar os alunos, e ajudar todos equitativamente. Repreendi quando tive que repreender, fosse A,B ou C. Ajudei sempre que solicitaram a minha ajuda, quer os que possuíssem mais ou menos dificuldades/capacidades.

Talvez possa ter sido injusta em alguns momentos na repreensão a alguns alunos, em momentos em que o nervosismo se fazia sentir com mais intensidade, mas reconheço que tive sempre a capacidade de pedir perdão após refletir sobre as minhas ações, quando alguma foi menos apropriada

da minha parte, quer diante de algum aluno em particular, quer diante de toda a turma.

A profissão docente é deveras exigente. Exige muito de um ser humano. Implica a exaustiva tarefa de ensinar, de compreender os alunos, de se adaptar às características de cada um como ser diferente dos restantes, e “representar” perante uma plateia deveras atenta. A professora/orientadora referia inúmeras vezes, que “um professor é um ator” pude comprovar a veracidade dessa afirmação através desta experiência que foi o estágio. Foi complicado gerir todas as emoções, e representar diante dos alunos. Considero-me ser uma pessoa bastante espontânea, sempre com as emoções à flor da pele, e portanto foi um enorme desafio ter que sorrir quando por vezes sentia vontade de chorar.

Para se ser um bom professor, é necessário ter vocação para tal, na minha modesta opinião. No entanto, o processo de ensino exige, quer aos que dotam desta “vocação”, quer aos que não possuem tão especiais características do ser professor, planificação do referido processo, para que este se desenvolva, e decorra de uma forma orientada e organizada.

É fundamental saber o que ensinar e como ensinar de acordo com os recursos existentes, humanos ou materiais, e de acordo com a população alvo.

Enquanto professora estagiária tive que “começar a fazer o que não sabia fazer, para aprender a fazer” (Gonçalves et al., 2010).

Apesar dos imensos conteúdos aprendidos durante o período de formação inicial, ou seja, durante os anos de licenciatura e primeiro ano de mestrado, pouco me sentia preparada para o contacto com a realidade.

Inúmeras vezes os docentes da universidade nos alertaram para o facto de o contacto com os alunos reais ser diferente, do contexto ao qual estávamos habituados a “lecionar ao faz de conta”. Rapidamente tive a oportunidade de comprovar essa situação. Em muito pouco se relacionaram as aulas de didáticas nas quais lecionava-mos aos nossos colegas ou amigos da turma,

que nos ajudavam na concretização/superação de um objetivo comum a todos, o alcance de uma boa classificação naquela tarefa.

No entanto a prática leva à perfeição, e foi necessário então “meter mãos à obra”.

O processo de ensino-aprendizagem exige atenção, investimento de tempo, cuidado e reflexão, pois é fundamental para que corra eficazmente.

“Ao planificar, o professor prepara a sua prática e toma decisões, atribuindo um sentido ao processo, na sua organização, objectivos e metas a atingir” (Vaz, M. 2011, p 16).

Inicialmente, anteriormente à planificação de qualquer aspeto inerente a este processo, foi necessário conhecer a realidade que tinha entre mãos, com a qual iria contactar durante todo o ano letivo.

Este conhecimento iniciou-se nas reuniões de grupo e departamento, nas quais conheci um pouco mais sobre a orgânica de funcionamento da escola, da disciplina, bem como a planificação das atividades anuais. Nestas reuniões, debateu-se e deu-se a conhecer a todos os docentes da disciplina de Educação Física pertencentes ao grupo em questão, o *roulement*, que orientou e determinou todo o funcionamento do ano letivo. Na Escola Secundária de Penafiel as modalidades são lecionadas de acordo com os espaços atribuídos a cada docente.

Juntamente com Professora Cristina Ferraz, e os meus colegas do núcleo de estágio, determinaram-se e planificamos, de acordo com os espaços e recursos disponíveis, as modalidades a lecionar no decorrer do ano letivo que estava prestes a iniciar.

O referido *roulement* foi sofrendo alterações ao longo do ano letivo, e conseqüentemente, a planificação anual de matérias não permaneceu imutável, sofrendo por sua vez algumas modificações.

Jamais esquecerei aquela que foi “ a minha primeira aula” como professora estagiária. O nervosismo sentido, a ansiedade e a curiosidade tomaram

conta de mim, no momento em que estive pela primeira vez perante aqueles que iriam ser “os meus alunos” durante o ano.

Apresentei-me na companhia da professora orientadora. Referi normas/regras da disciplina, forneci um folheto que continham todas as regras inerentes à mesma, e posteriormente. Solicitei que preenchessem um questionário individualmente. Este “documento” permitiu conhecer um pouco mais aqueles jovens adolescentes, saber um pouco mais sobre eles, das suas vidas para além do espaço sala de aula.

As primeiras aulas destinaram-se à realização das avaliações diagnósticas, às várias modalidades, que inicialmente se decidiram abordar, de modo a conhecer o nível dos alunos. Com todos os dados adquiridos, elaborou-se o estudo de turma, tirando-se importantes elações acerca da turma, necessárias e úteis à planificação do processo de ensino, quer ao nível dos conteúdos a aprender, quer ao nível das relações interpessoais.

Só através deste conhecimento inicial foi possível planificar as UD's, as aulas, bem como todo o processo inerente ao ensino.

Foram pensadas estratégias, criadas tarefas passíveis de serem cumpridas, minimamente ajustadas às capacidades dos alunos, traçados objetivos na ânsia de serem atingidos com sucesso.

Os objetivos foram traçados de acordo com uma escala de níveis elaborada pelo grupo de Educação Física da escola, adaptados ao programa do Ministério, neste caso para o décimo ano.

Aquando a planificação das **UD's** definiram-se os conteúdos a abordar de acordo com o número de aulas previstas, e o espaço, então, disponível.

Em cada primeira aula destinada ao início da lecionação de cada UD, referi brevemente regras básicas e dei a conhecer um pouco da história de cada modalidade aos alunos.

As aulas foram planificadas de acordo com os objetivos traçados, e conteúdos definidos avaliados diagnosticamente.

Fui transmitindo os conteúdos por ordem crescente de complexidade, e incidindo mais atenção nos conteúdos nos quais os alunos apresentaram mais dificuldades.

Inicialmente deparei-me com inúmeras dúvidas relativamente à elaboração dos planos de aula, nomeadamente ao nível da modalidade individual de ginástica. O facto de, durante a minha formação inicial ter elaborado mais planos de aula relativos aos desportos coletivos, fez com que neste contacto com a referida modalidade me deparasse com um obstáculo. No entanto, com a ajuda da professora orientadora fui superando as dificuldades ao nível do planeamento, quer nos planos de aula, quer na seleção dos exercícios a lecionar durante as aulas.

Com o decorrer do tempo fui ganhando “traquejo” nesta área da planificação, e terminado o estágio, reflito, revejo-me e sinto-me mais preparada e mais eficiente. Despendi muito tempo a elaborar estratégias, a pensar formas de organização da aula e do espaço, a refletir circunstâncias potenciadoras de perigo, que pudessem por em causa a integridade física dos alunos.

Refletindo o meu percurso, concluo que tive mais facilidade na planificação e leção das modalidades coletivas do que nas individuais. Talvez o facto de o meu percurso desportivo ter passado pelos desportos coletivos, me tenha familiarizado mais com o referido contexto, e o facto de ter contactado pouco com as modalidades de carácter individual na licenciatura não me tenha facultado tanta experiência.

Constatei que da planificação à prática existe uma grande distância.

Apesar de os exercícios geralmente terem sido adequados às capacidades dos alunos, e de se ter observada uma significativa evolução em todas as modalidades, as aulas nem sempre decorreram em concordância com o plano. O comportamento dos alunos, que foi sem dúvida, uma das minhas maiores dificuldades, se não a maior de todas, obrigou-me num significativo número de vezes a despende tempo em repreensões, a suprimir exercícios os quais não tinha tempo de abordar devido à referida perda de tempo (quando pouco estava destinado para tempos de instrução e organização), a

alterar a duração dos exercícios quando em alguma circunstância não estavam a resultar devido à dispersão, desorganização dos alunos ou em alguns casos devido a conflitos entre eles.

Como referiu vezes sem conta a professora Ágata “não há estratégias corretas ou incorretas, mas sim estratégias correta ou incorretamente aplicadas”. Houve necessidade de alterar convenientemente, algumas que defini inicialmente, de acordo com o contexto ou a ocasião, de modo a que a aula decorresse dentro da normalidade, de forma a garantir o bom funcionamento da mesma e a proporcionar um clima saudável no qual os alunos gostassem de permanecer.

Empenhei-me ao máximo para transmitir aos alunos exercícios variados, motivantes e desafiadores, de forma a permanecerem interessados, motivados e empenhados. Mais exercícios, com pouca duração cada, em vez de poucos com maior tempo de empenhamento motor, foi uma das estratégias “pensadas” para que os alunos não desmotivassem. Por vezes, acabaram por pedir a continuidade do exercício, o que de certo modo vi com “bons olhos”. Tentei responder a dúvidas sempre que solicitada e ajudar a ultrapassar dificuldades sempre que observadas, individualmente ou em grupo. Procurei, ainda, proporcionar exercícios que promovessem a competição, especialmente quando observei que neste contexto os alunos se empenhavam mais, se interessavam mais, e se sentiam mais motivados conseqüentemente. Os alunos da turma eram extremamente competitivos, o que por vezes prejudicou, mas que beneficiou maioritariamente o tempo de atividade motora.

Elaborei os grupos de trabalho para cada unidade didática de acordo com os resultados obtidos e observados nas avaliações diagnósticas. Uma das minhas preocupações foi a de alunos com mais e menos capacidades pertencessem às mesmas equipas. Deste modo ajudaram-se mutuamente, e essa circunstância permitiu a evolução coletiva dos alunos.

A circulação frequente pelo espaço de modo a observar todos os alunos, teve como intuito a permanente atuação perante as suas dificuldades, bem

como a prevenção de comportamentos inadequados, ou repreensão dos mesmos quando ocorridos.

A utilização constante do *feedback* permitiu uma maior e mais eficaz ajuda aos alunos, bem como a potenciação de uma maior evolução por parte dos mesmos. Quando observava a execução dos exercícios e pretendia fornecer um *feedback* individual, chamava o aluno em particular, um *feedback* a um grupo transmitia a informação após terem terminado a realização do exercício (com o intuito de não interferir na execução dos restantes grupos), um *feedback* à turma, interrompia a atividade motora de todos e solicitava atenção.

Envolvi-me tanto na aula, na ajuda aos alunos, que por vezes me perdia no tempo. Apesar de por vezes não conhecer a maneira mais eficaz de atuar perante certas circunstâncias, considero que tenho “vocação” para esta difícil tarefa de ensinar. Este envolvimento na aula, que me fazia abstrair do espaço envolvente, e do relógio de parede, fez-me sentir ainda um maior gosto e prazer pela profissão. A referida distração nunca prejudicou os alunos, pelo contrário.

No entanto a gestão do tempo foi outra destreza que fui melhorando com o decorrer do ano letivo, e com o este “curto tempo de experiência”.

A minha maior preocupação, para além de os ajudar a superar dificuldades, foi a de lhes proporcionar o maior tempo possível de atividade motora, a de os fazer evoluir durante aquele que, apesar de parecer muito, acaba por se tornar pouco tempo.

Para que tal fosse possível, foi necessário incidir alguma atenção e cuidado com a organização e estrutura dos exercícios, de modo a garantir que pouco fosse alterada com o decorrer da aula, para evitar perdas significativas de tempo.

Imaginei exercícios mentalmente, “realizei” alguns num sem número de vezes para que os pudesse transmitir com à vontade e tranquilidade, para que os alunos sentissem que dominava o que transmitia.

A utilização dos alunos como agentes de ensino foi outras das estratégias utilizadas para que a turma tivesse oportunidade de observar um melhor modelo, quando não me sentia tão capaz, ou à vontade para demonstrar algum exercício, ou quando sabia que demonstravam com êxito. Na minha opinião o professor não tem que saber fazer tudo, mas saber ensinar como se faz.

Durante os momentos de instrução procurei transmitir a informação de forma confiante, curta, concisa, segura e serena (por vezes impossível por causa do comportamento daqueles “jovens” inquietos que ali se apresentavam à minha frente).

Os momentos de instrução foram para mim, os momentos mais difíceis das aulas, uma vez que os alunos impossibilitavam a transmissão de informação tal como eu pretendia, ou imaginava. O comportamento infantil e insatisfatório dos mesmos punha, por vezes, à prova os meus limites de paciência.

Ao fim de pouco tempo fui verificando que nestes tempos de “paragem” tinha que me cingir ao essencial e passar de imediato para a atividade motora. Definitivamente tinha que os manter ocupados. Este aspeto foi melhorando também com diálogo entre mim e a professora orientadora que me ajudou a elaborar estratégias destinadas ao cessamento dos referidos comportamento inadequados.

A meu favor tinha o fator “boa voz”. O facto de falar audivelmente, sem precisar de me esforçar demasiado, ajudou-me significativamente.

Coloquei sempre bem a voz de modo a que a informação chegasse a todos os alunos. Elevei o seu nível quando pretendi realçar aspetos importantes, quando tive que repreender atitudes ou comportamentos, quando pretendi realçar erros comuns a toda a turma, quando realizei instrução de um exercício sem que houvesse mobilização dos alunos, ou quando simplesmente era oportuno elogiar um aluno ou a turma.

Em todas as aulas estiveram presentes a professora orientadora e os meus colegas. Assim como também estive presente nas aulas dos mesmos, realizando observações das mesmas com os respetivos registos. Cumpri os parâmetros estipulados para a avaliação, nomeadamente as quarenta e cinco aulas dos meus colegas, e as da professora orientadora, nas quais observei estratégias, e exercícios que me permitissem também por em prática na minha turma.

No final de cada aula realizei o balanço de aula, tendo em conta os parâmetros: Objetivo da aula, Avaliação comportamental dos alunos, Avaliação das estratégias, Tempo de atividade motora, Dificuldades dos alunos, Dificuldades do professor e Alterações efetuadas ao plano de aula. Estes relatórios tornaram-me uma pessoa mais reflexiva.

Outra experiência gratificante que este processo me proporcionou, foi a de ter lecionado a alunos estrangeiros. A Escola Secundária de Penafiel participou no programa de intercâmbio “*comenius*”. Este programa trouxe a vinda de estudantes Noruegueses à escola, durante dez dias. A turma A e B acolheram em sua casa estes alunos, e portanto os mesmos conviveram em algumas das aulas ditas normais. Como tal, uma delas foi a de Educação Física, lecionada por mim. Foi uma experiência única. Para além de ter que lecionar uma aula aos alunos habituais, estariam presentes mais dez novos alunos. Tive que aperfeiçoar o meu vocabulário, pois não tinha nem tenho um inglês muito fluente. No entanto beneficiei da ajuda dos alunos da turma B, que com mais “sabedoria” linguística do que eu, me foram ajudando a estabelecer o diálogo, transmitindo os conteúdos e toda a informação necessária. Dei *feedbacks* a ambas as nacionalidades, e criei um clima bom na aula, proporcionando exercícios da modalidade de voleibol, incutindo a competição entre equipas, que havia elaborado dias antes. Solicitei a uma aluna que me enviasse o nome alunos que albergavam alunos da Noruega, e o dos respetivos. Então, a partir daí, defini as equipas, de modo que todos os alunos pudessem participar.

No final da aula as professoras Norueguesas, felicitaram-me pela aula dinâmica, e agradável. Mais uma vez fiquei satisfeita, pois senti que cumpri com êxito mais uma tarefa.

Mas o contacto com esta diferente cultura não ficou por aqui, e como professoras das duas turmas inseridas neste intercâmbio, eu e a professora estagiária Joana tivemos que dar uma aula conjunta. Nesta participaram mais de cem alunos, todos os da turma A e B, todos os Noruegueses, e ainda alguns alunos de outros docentes presentes no pavilhão naquela hora. Abordamos vários estilos de dança, demonstrando de frente passo a passo, utilizando microfones para que a informação chegasse a todos os alunos, falada em inglês.

Os alunos divertiram-se, e também as professoras ficaram entusiasmadas, acabando por participar na atividade.

### **1.1. A avaliação do processo**

“A avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, assumindo também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas (...), tendo influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino. (Abrantes et al. 2002 cit. por Gonçalves et al., 2010 p 17). “ É um regulador por excelência de todo o processo de ensino-aprendizagem” (Aranha 2004, cit. por Gonçalves et. al., 2010 p 17).

A avaliação assume-se então como um processo deveras importante, que não se esgota num só momento, mas que se desenrola em várias fases, através de várias modalidades.

Quando iniciei o estágio prececionei de imediato que estava pouco preparada para a realização do referido processo. Na minha opinião, é um aspeto no qual se deveria incidir mais atenção, e sobre o qual se deveria transmitir mais conhecimento na fase de formação que antecede o segundo ano de mestrado.

Várias vezes ouvi falar dos nomes das diversas formas de avaliação, sabia em que fases do ano letivo se processavam, qual a sua utilidade, mas desconhecia o modo como funcionava.

A realização dos diferentes momentos de avaliação foi mais um importante conhecimento que adquiri.

Mais uma vez com a preciosa ajuda da nossa orientadora fui aperfeiçoando esta tarefa, e apesar de me identificar mais com os desportos colectivos, deparei-me com uma maior facilidade em avaliar nos desportos individuais. Talvez pelo facto de poder observar cada aluno em contexto individual.

Este processo desenrolou-se então em três fases distintas, nomeadamente através da avaliação diagnóstica, da formativa e da sumativa. Segundo Carreiro da costa et al., (1985 cit. por Gonçalves et al., 2010) cada uma com a sua respetiva função. Avaliação diagnóstica de prognosticar/ orientar; avaliação formativa de regular/ controlar; e (...) sumativa de certificar/balanço.

## **1.2. Avaliação diagnóstica**

Inicialmente, realizei então, a avaliação diagnóstica, que tal “como próprio nome indica, não é “formular um juízo” mas recolher informação para estabelecer prioridades e ajustar a atividade dos alunos ao sentido do seu desenvolvimento.” (Gonçalves et al., 2010 p 47).

Este momento de avaliação permitiu-me conhecer um pouco mais os alunos, as suas capacidades e dificuldades, bem como o nível em que a turma se encontrava, com o intuito de traçar objetivos e planear tarefas ajustadas às suas capacidades. Deste modo foi-me permitido planear o trabalho desde conteúdos, metodologias, estratégias.

A referida modalidade de avaliação foi realizada no início do ano letivo, ao longo das primeiras aulas, exceto à modalidade de futebol que foi realizada na primeira aula da UD.

Mais uma vez com orientação da professora responsável, através do Programa do Ministério, e da referida escala de níveis elaborada pelo grupo de EF da escola, determinei os diferentes conteúdos a avaliar.

Posteriormente, elaborei fichas de registo e em diferentes contextos de acordo com as características das diferentes modalidades, atribuí, observando, um valor (dentro de uma escala) a cada um dos diferentes parâmetros, de acordo com o desempenho dos alunos. (1- não executa; 2- executa com muita dificuldade; 3- executa; 4- executa bem).

Através destas fichas foi possível analisar os resultados através do programa Excel 2010, e verificar os níveis nos quais a turma se encontrava às diferentes modalidades.

Como não possuía experiência nesta área da avaliação, comparei sempre os valores por mim atribuídos com os da professora que avaliou em simultâneo, encontrando por vezes alguma discrepância.

No entanto, o desempenho neste processo foi-se aperfeiçoando e fui conseguindo observar e atribuir números mais justos, fui conseguindo detetar dificuldades e verificar a evolução dos alunos. Apesar de inicialmente os alunos não se encontrarem em níveis elevados, e de se situarem em níveis abaixo daqueles nos quais se deveriam encontrar, observei que tinha sob o “meu comando” uma turma com elevadas capacidades ao nível psicomotor.

O meu prognóstico não falhou, e pude comprová-lo com o decorrer do ano letivo, como referi anteriormente.

### **1.3. Avaliação formativa**

“A avaliação formativa tem por único fim reconhecer onde e em quê o aluno sente dificuldade e procurar informá-lo. (...) Esta avaliação serve de *feedback* para o aluno e para o professor. (...) Serve de regulação do processo ensino-aprendizagem, detetando e identificando metodologias de

ensino mal adaptadas ou dificuldades de aprendizagem dos alunos” (Coll e Martin 2011 cit. por Gonçalves et al., 2010 p 49).

Através da avaliação formativa pude ajudá-los a evoluir consideravelmente. Pude fazer com que eles alcançassem o patamar do sucesso.

Para que tal fosse possível, transmiti aos alunos os critérios de avaliação e ainda os objetivos a atingir no início de cada unidade didática. Preocupei-me em fornecer constantes *feedbacks* aos alunos no sentido de lhes dar a conhecer as suas limitações, apoiando-os na superação das suas dificuldades, no sentido de os tornar indivíduos mais autónomos, mais responsáveis pela sua aprendizagem.

Ajudei todos os alunos, proporcionando-lhes oportunidades de se auto-avaliarem, de se expressarem. Esta situação forneceu-me *feedbacks* de retorno, que me fizeram refletir, inúmeras vezes, sobre a minha prática. Esta reflexão desencadeou a alteração e o ajuste de estratégias que por algum motivo falharam. A avaliação formativa permite esta constante alteração das mesmas, permitindo remediar falhas, corrigir erros, a qualquer momento, sempre que necessário. A mesma desenvolveu em mim a destreza de pesquisar mais, de questionar, de querer conhecer mais, no sentido de aumentar a motivação dos alunos no espaço sala de aula. Fui “adaptando a minha prática”. Por isso referi anteriormente que “os alunos me moldaram”.

Terminado este processo, e verificando o caminho percorrido, cheguei à conclusão que a maioria dos alunos “caminharam” no sentido dos objetivos definidos previamente.

Realizei a avaliação formativa em todas as aulas, e a classificação final de alguns alunos baseou-se somente neste momento de avaliação, quando impossibilitados de estarem presentes no momento de avaliação sumativa.

Para esta modalidade de avaliação também foram elaboradas tabelas de registo para cada uma das UD's, nas quais foi registado o desempenho particular no final de cada aula.

Os resultados não se expressaram em valores ainda mais elevados devido ao domínio socio-afetivo, com grande peso na avaliação final, no qual alguns alunos não tiveram o melhor desempenho.

Relativamente a este domínio, fui alertando constantemente. Uma minoria não interiorizou a informação, no entanto fiquei muito satisfeita com a evolução de outros, nomeadamente naqueles nos quais observei uma mudança gradualmente positiva, com os quais me fui relacionando cada vez melhor. Alunos que chegavam inicialmente, constantemente atrasados, que demonstravam desinteresse, e que ao longo do ano letivo alteraram esta postura, começando a chegar primeiro que os colegas, procurando e solicitando a minha ajuda, demonstrando vontade de evoluir. Este domínio foi avaliado, também, ao longo de todas as aulas, bem como o cognitivo, avaliado através do questionamento e da aplicação de regras nas diferentes modalidades.

Na minha opinião, por esta experiência pela qual passei, a avaliação formativa apoia e proporciona uma avaliação sumativa mais justa.

#### **1.4. Avaliação sumativa**

Para Birzea (1984 cit. por Gonçalves et al., 2010 p 56) “a avaliação sumativa, ou final, tem mais por função constatar o insucesso do que promover o sucesso escolar.”

Recorri então, à avaliação sumativa com o objetivo de comprar os resultados finais, com os resultados obtidos inicialmente através da avaliação diagnóstica, para constatar se houve ou não evolução por parte dos alunos. Esta complexa atividade foi realizada através de grelhas tal como a avaliação inicial, (no entanto nesta avaliação final, a cada conteúdo foi atribuído determinada percentagem), e no mesmo contexto.

Esta avaliação, e conseqüente comparação permitiu verificar o cumprimento dos objetivos por parte dos alunos.

“É a avaliação sumativa que permite comparar os resultados iniciais com os finais, permitindo assim fazer a súmula do que aconteceu ao longo do processo, verificando o grau de (in)sucesso do produto.” (Aranha 2004, cit. Por Gonçalves et al., 2010 p 57).

No final de cada período dei a conhecer aos alunos as suas classificações, para que também tivessem conhecimento, e uma melhor noção do seu desempenho.

Além destas práticas de avaliação, ao longo do ano letivo realizei a avaliação mensal, fornecida posteriormente ao diretor de turma, e no final de cada período elaborei uma tabela com a avaliação descritiva de cada aluno.

### 1.5. Critérios de avaliação à disciplina de EF:

A nota atribuída aos alunos foi o resultado do somatório dos 3 domínios, calculada da seguinte forma:

**Tabela 1:** Critérios de avaliação da disciplina de EF, para o ensino secundário.

<b>NOTA FINAL = 30%AV + 10%SC + 60%PM</b>		
<b>Domínio Sócio-Afetivo</b>	<b>30%</b>	<b>Assiduidade (0,5 v) - 2,5% Pontualidade (0,5v) - 2,5% Comportamento (2 v) - 10% Outros (1v) - 5% Atividades de grupo (2v) - 5%</b>
<b>Domínio Cognitivo</b>	<b>10%</b>	<b>Questionamento (1v) - 5% Relatórios (1v) - 5%</b>
<b>Domínio Psicomotor</b>	<b>60 %</b>	<b>Destrezas (12v)</b>

### 1.6. Resultado do processo de avaliação às diferentes modalidades

Tal como refere Gonçalves et al., (2010 p 143) “A avaliação deve desenvolver e não certificar o aluno”.

**Tabela 2** Comparação dos resultados médios obtidos na avaliação diagnóstica e sumativa.

Modalidade	Avaliação diagnóstica	Avaliação Sumativa	Evolução em %
Basquetebol	10,7	17	31,5
Andebol	12,8	17	21
Voleibol	11,3	17,2	29,5
Badminton	12,5	18,2	28,5
G. Aparelhos	12,1	15	14,5
G. Acrobática	13,7	19,1	27
G. Solo	8,3	15,9	38
Dança	0	18,8	94

Verifica-se, após todo o processo, a evolução dos alunos. Verifica-se um maior grau de sucesso nas modalidades de dança, ginástica de solo e basquetebol, no entanto em todas as modalidades a evolução foi positivamente significativa. Concluo assim, que a minha prática pedagógica foi eficaz, na medida em que ajudei os alunos a alcançar os objetivos pretendidos, a alcançar o patamar do sucesso.

## II. Tarefas de Estágio de Relação Escola-Meio

### 2.1. Estudo de Turma

No início do estágio pedagógico, anteriormente ao início da prática pedagógica propriamente dita, a professora orientadora atribuiu uma turma a cada um de nós professores estagiários pertencentes a este núcleo.

Foi-nos comunicado que iríamos lecionar ao décimo por ser um ano de revisão “Considera-se que no 10º ano interessa consolidar e, eventualmente completar a formação diversificada do ensino básico. (...) Este é um ano em que se mantêm os objetivos do 9º ano.” (in programa de educação física 10º, 11º, 12º anos)

Esta atribuição realizou-se de acordo com a ordem alfabética dos nossos nomes, e portanto a turma A ficou de imediato atribuída à professora estagiária Joana Soares, de seguida a turma B a mim Sara, e por fim a turma C ao professor estagiário Tiago Paiva.

Rapidamente tivemos acesso à lista com os nomes e fotografias dos alunos das respetivas turmas, e recorde-me na perfeição a forma como fiquei extasiada com tal situação. Tudo muito novo a acontecer repentinamente, com as novidades a ocorrerem todas ao mesmo tempo, e a uma velocidade desmedida. Estava prestes a conhecer os “meus alunos”, aqueles que me iriam dar o “título”, o “nome”, aqueles que iriam testar as minhas capacidades, por à prova as minhas competências, chamar-me professora.

*“Os alunos reuniram-se junto de mim e da professora Cristina Ferraz, docente da disciplina e orientadora do grupo de estágio de educação física da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, e dos professores estagiários Joana Soares e Tiago Paiva.*

*A professora Cristina iniciou a aula com um pequeno discurso de apresentação, e de seguida eu, a professora estagiária tomei a palavra.*

*Expostos os assuntos a tratar, e sem questões colocadas pelos alunos, entreguei-lhes os questionários para o plano de turma.”*

(Reflexão do balanço de aula nº1)

O estudo de turma foi essencial, pois para além de me dar a conhecer mais sobre os alunos, consistiu num dos parâmetros a ser avaliados pela faculdade.

O questionário havia sido elaborado pela escola, e portanto ao meu encargo estava apenas a sua distribuição e posteriormente a verificação dos dados e análise dos resultados. Para a elaboração do estudo de turma foi utilizado não só este instrumento, mas também a observação e registo em tabelas realizadas para a avaliação diagnóstica para as diferentes modalidades e testes de Fitnessgram.

Foi transmitido aos alunos, que apenas a professora teria acesso aos dados.

Este estudo de turma revestiu-se de extrema importância uma vez que foi através dele que conheci melhor os alunos, soube um pouco mais sobre as suas vidas para além do espaço sala de aula, de modo a poder interagir mais e mais corretamente com e sobre eles. Permitiu ainda a elaboração de estratégias mais adequadas com o intuito de estabelecer uma melhor relação professo-aluno, responder às suas expectativas e dar resposta às suas necessidades.

Para conhecer um pouco mais acerca desta realidade, o referido questionário de preenchimento individual, teve como objetivos conhecer cada aluno em particular através dos seus dados biográficos, composição do agregado familiar (detetando casos que merecessem especial atenção), conhecer o estado de saúde, limitações ou problemas, bem como hábitos de higiene de modo a poder intervir prontamente em caso de existirem lacunas nesse sentido, e promover hábitos de vida saudáveis.

Para além dos referidos aspetos, os dados permitiram-me ter conhecimento sobre a rotina diária dos alunos (sendo possível detetar fatores de hábitos

rotineiros desviantes de um bom rendimento escolar), acerca da sua nutrição antes do início da prática da aula de EF.

A vida escolar dos alunos, nomeadamente as reprovações, preferências pelas disciplinas, e a atitude dos encarregados de educação face ao desempenho escolar dos seus educandos, foram outros dados possíveis de serem alcançados.

Os objetivos para o futuro foi outro aspeto merecedor de atenção, para que, enquanto professora os pudesse ajudar e orientar dando respostas às suas ânsias e dificuldades.

O questionário permitiu ainda saber um pouco sobre a ocupação dos alunos nos tempos livres, a atitude em particular face à disciplina em questão, as preferências pelas modalidades, os hábitos de atividade física regular e ainda as atitudes dos mesmos face ao desporto e ao gosto ou seleção das modalidades do desporto escolar, no sentido de lhes ser possibilitado o acesso à prática.

Todos estes aspetos permitiram-me saber como e onde atuar. Permitiram-me conhecer os alunos mais carentes ou carenciados, detentores de maiores dificuldades, saber quais os alunos que vivem no seio de famílias monoparentais, pois estava consciente de que estes casos despoletam por vezes comportamentos de chamada de atenção, ou de outra natureza. Foi-me possível ainda ter conhecimento sobre as modalidades da sua preferência, no sentido de atuar quer ao nível da motivação nas modalidades com mais e menos interesse para aqueles jovens adolescentes, quer ao nível da indução do gosto pela prática de atividade física e educação desportiva.

Por sua vez, a avaliação diagnóstica, realizada durante as primeiras aulas tal como já foi referido, deram-me acesso ao nível dos alunos, às suas dificuldades e ao conhecimento da sua aptidão física.

Neste estudo participaram 27 alunos, pertencentes à turma em questão, dos quais 13 do sexo feminino e 14 do masculino, com idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos.

Os dados recolhidos foram tratados através do programa Microsoft Excel 2010.

Após a recolha e análise dos dados essenciais à elaboração do referido estudo, foi possível então conhecer a área de residência dos alunos, as idades dos pais, compreendidas entre os 38 e os 51, e as profissões dos mesmos. Concluí através desta informação que a turma era heterogénea, parecendo haver alunos com diferentes níveis económicos, tais como bons, médios e baixos.

Verifiquei que a maioria dos alunos vive com os pais, exceto dois que se encontram fora do panorama geral normal da sociedade, pertencendo a famílias monoparentais.

Realço este aspeto, na medida em que, um destes alunos, neste caso, uma aluna, órfã de mãe, se apresentou inicialmente reticente face à prática da disciplina e das várias atividades propostas, manifestando frequentemente instabilidade emocional e baixa auto-estima.

Este caso particular, gerou alguns “problemas” ao nível sala de aula, e teve que ser “discutido” e refletido em conjunto.

Numa das situações a aluna mostrou-se relutante à realização da sequência gímnica no momento de avaliação sumativa da modalidade de ginástica. Com a pouca experiência que tinha não conhecia bem a melhor forma de agir/atuar perante a situação.

A professora orientadora (sempre muito presente e que muito me ajudou nestas situações) incomparavelmente com mais experiência do que eu, habituada a lidar com múltiplos casos problemáticos possuiu sempre uma atitude/visão muito diferente da minha, e certamente mais correta.

Perante a descrita situação, tentei calmamente dialogar com a jovem, acariciando-a e dando-lhe algumas palavras de conforto.

Por sua vez a professora orientadora agiu prontamente sobre a aluna repreendendo-a. A explicação sobre o sucedido foi exigida pela avó, por sua vez encarregada de educação da aluna, que se dirigiu à escola nesse mesmo dia. Nessa altura, calmamente a professora que me ajudou e orientou conversou com a senhora, para esclarecer a situação, aproveitando para a tranquilizar e simultaneamente aconselhar a aluna perante a fragilidade observada da senhora idosa.

Considereei pertinente não interferir na conversa dada a minha inexperiência, no entanto mantive-me atenta.

Após aquele dia tentei incentivar a aluna, dedicar-lhe parte da minha atenção prontificando-me a ajudá-la em particular, em tempo extra aulas se necessário. Esta aluna foi evoluindo, alterando positivamente a sua atitude e a sua participação na aula, e consegui finalmente criar uma relação mais próxima com a mesma. Foi uma das dificuldades ultrapassadas, não sozinha, mas que serviu como exemplo, contribuindo para a minha formação e experiência ao nível das relações pessoais no espaço sala de aula.

Esforcei-me sempre por criar uma relação amiga com os alunos, até porque nestas situações considero-me uma pessoa sensível e, por mais que tente, não consigo ser fria no meu agir, agindo muitas vezes emocionalmente.

Após o término do estágio, considero que agir “com o coração” não seja, talvez, a melhor solução, no entanto estou convicta de que a experiência me fará conhecer a melhor forma de lidar com estas situações. Cada aluno é diferente, e a maneira de agir sobre eles será igualmente distinta.

Voltando ao estudo de turma em questão, e salientando os aspetos que considero ser de maior interesse, verifiquei que embora alguns alunos possuíssem problemas de saúde, nenhum era impeditivo da prática desportiva na aula, exceto o caso das alunas com problemas estruturais, ao nível da coluna, que apresentaram atestado médico para a não realização

de exercícios de alto impacto. Estas alunas prestaram ajuda aos colegas ao longo da modalidade de ginástica de aparelhos, e em algumas estações, na modalidade de ginástica, dos elementos gímnicos que estavam impedidas de executar.

Os alunos que afirmaram não tomar banho depois da aula da “minha disciplina” mereceram particular atenção da minha parte. No final de cada aula, dirigi-me ao balneário, especialmente o feminino, para me assegurar de que cuidariam da sua higiene pessoal. Por vezes solicitei ajuda ao meu colega estagiário, para que verificasse o balneário masculino, e por outras vezes colocava-me num local estratégico no qual pudesse observar a saída dos alunos de ambos os sexos do balneário.

Todas as aulas terminaram dentro do tempo planeado, para que os alunos pudessem usufruir do banho e do intervalo posteriormente.

“O rendimento escolar está intimamente relacionado com a qualidade e a quantidade do aprovisionamento alimentar, destacando-se o papel vital do pequeno-almoço”(CSS, 2012), e como os alunos tiveram esta disciplina pela parte da manhã, foi pertinente realçar a importância da refeição a meio da manhã. A ausência de uma refeição pode refletir-se através fraqueza física, da diminuição do défice de atenção, ou seja, ao nível cognitivo e motor em geral. Uma situação desta natureza ocorreu somente próximo do final do ano letivo. É importante destacar estes aspetos, especialmente junto dos adolescentes, que se encontram numa fase durante a qual há propensão para dietas descontroladas devido aos preconceitos com a gordura corporal, ou durante a qual se idolatram exemplos idílicos de magreza, numa fase da vida em que os jovens dão elevado ênfase ao aspeto físico.

“Nos meus alunos” não se verificaram hábitos alcoólicos ou tabágicos, quer nos resultados obtidos pelo estudo realizado, quer durante o contacto com eles nas aulas. Neste aspeto tudo correu dentro da normalidade.

A disciplina de Educação Física, a par da de Biologia e Geologia apresentou um lugar de destaque no que diz respeito à preferência dos alunos. Verifiquei que estes possuíam um grande interesse pela área, e tal se

evidenciou ao longo do ano, através do empenho na realização das tarefas propostas nas aulas, e na participação nas atividades.

Quando me deparei com este interesse por parte dos alunos, senti que teria entre mãos uma grande responsabilidade. A de dar resposta às suas expectativas, de lhes proporcionar aulas com elevada intensidade e atividade motora, de os motivar através de variados e interessantes exercícios.

As modalidades de futebol e basquetebol foram referidas como sendo as preferidas dos alunos, por sua vez ginástica a de menor preferência. Incidi de imediato atenção neste aspeto. Através da planificação anual de matérias ficou determinado, que ginástica seria das primeiras modalidades a lecionar no primeiro período, neste caso à sexta-feira. Senti que estava perante um obstáculo, que mais tarde se veio a tornar realidade. No entanto, a meu favor esteve o facto de à quinta-feira ser possível lecionar a UD de basquetebol (uma das favoritas).

“A atividade física e os desportos saudáveis são essenciais para a nossa saúde e bem-estar. Atividade física adequada e desporto para todos constituem um dos pilares para um estilo de vida saudável” (Dgs, 2007). Como a maioria dos alunos referiu praticar atividade física extra escola, concluí que os alunos do 10º ano da turma B, eram indivíduos com um estilo de vida saudável e com predisposição para a prática de atividade física.

Aos alunos que assumiram não praticar qualquer modalidade ou atividade física fora da escola, sugeri o acesso ao desporto escolar, através de uma das várias modalidades existentes.

Evitar a desmotivação por parte dos alunos praticantes de desporto federado foi também uma das minhas principais preocupações. Por vezes, há alunos que desmotivam na realização das aulas das UD's relativas à modalidade que praticam fora da escola. Senti esta situação enquanto aluna, e tentei ao máximo evitá-la enquanto professora. Tive o cuidado de proporcionar exercícios intensos e dinâmicos, acessíveis aos alunos com mais dificuldades e simultaneamente interessantes para os “especialistas” da

modalidade. Nesta situação, utilizei os alunos como agentes de ensino, para demonstração do modelo.

É fundamental motivar todos os alunos, colocarmo-nos um pouco do lado de lá, e tentar visualizar a sua perspectiva. Outra das minhas preocupações, foi a de promover um clima motivacional, rico em *feedbacks*, tratando-os imparcialmente, para que todos tivessem ou ganhassem gosto pela atividade física.

A atitude positiva face ao desporto revelada pela maioria da turma, tornou-se mais um dos benefícios para eles e para mim. Apesar de a turma possuir um comportamento pouco satisfatório, ao nível motor os alunos demonstraram o contrário. As avaliações dos anos anteriores foram um forte indicador do gosto pela disciplina e da existência de capacidades para a mesma.

O parâmetro relativo à falta de respeito pela decisão dos árbitros e adversários, com resposta deixou-me um pouco intrigada, pois avistei ali a possibilidade de surgir problemas. E, efetivamente, estes vieram a ocorrer durante algumas aulas, nomeadamente as das UD's de desportos coletivos, em situação de exercícios que promoveram a competição. Esta situação despoletou momentos de tensão e grande nervosismo quer para mim, quer para a professora orientadora, quer para os alunos envolvidos e restantes colegas.

As avaliações diagnósticas, referidas anteriormente, permitiram-me ter um mais vasto conhecimento sobre os alunos para além daquele que adquirir com o questionário.

Através desta modalidade de avaliação, tive acesso ao nível inicial dos alunos, observei algumas das suas capacidades e potencialidades, e concluí que poderia fazer evoluir aqueles alunos, e faze-los aprender muitos mais. Verifiquei que possuíam grandes capacidades e que seria interessantíssimo lecionar os diferentes conteúdos àqueles jovens, apesar da sua irreverência.

Através desta avaliação inicial pude ter acesso também a algumas dificuldades sentidas por aqueles que se não existissem, eu jamais poderia

exercer esta profissão. Os dados que obtive permitiram-me definir objetivos e estratégias adaptadas a esta população.

O facto de a avaliação diagnóstica da modalidade de futebol se ter realizado na primeira aula da mesma UD, ocorreu por não ter sido planeada inicialmente, devido à não designação de um espaço disponível para mim no *roulement*, onde fosse possível a lecionação da referida modalidade.

O pedido insistente dos alunos, e a manifestação de grande interesse pelo contacto com o futebol, levou-me a solicitar encarecidamente a um dos docentes, do nosso grupo, a partilha do espaço. Após esta gentil cedência, lecionei esta modalidade durante as últimas aulas de quinta-feira no terceiro período.

Ainda no que diz respeito às avaliações diagnósticas, estas foram realizadas através da observação e registo da prestação individual dos alunos, tal como foi referido anteriormente quando abordada esta modalidade de avaliação.

Este desempenho foi expresso através de níveis da, também, referida escala. (1-2 – nível introdutório; 3-4 – nível elementar; 5-6 - nível avançado).

A avaliação diagnóstica evidenciou inúmeras dificuldades ao nível da maioria das modalidades, tal como já foi referido. A turma encontrava-se num nível relativamente baixo, tendo em conta o Programa de Educação Física para este ano letivo.

Simultaneamente às avaliações diagnósticas, foram-se realizando os testes do Fitnessgram. Realizaram-se os testes da milha, extensão de braços, extensão do tronco, abdominais, determinação do IMC (através da altura e peso) e o de flexibilidade (senta e alcança).

Foi extremamente importante proporcionar aos alunos, ao longo das aulas, exercícios que solicitassem todas as componentes avaliadas por estes testes, uma vez que, grande parte dos alunos desta turma se encontrou fora da zona saudável em determinadas componentes da aptidão física. E portanto, esta foi outra consideração que tive em conta no planeamento das aulas, ao proporcionar exercícios desta natureza. Verificou-se uma notória

disparidade entre os alunos, nomeadamente os que se apresentam nos níveis mais elevados e mais baixos.

As ilações tiradas deste estudo foram um ponto de partida para construir um caminho que levasse ao alcance de metas essenciais, para a reflexão e planeamento de estratégias de atuação, com o primordial objetivo de inculcar nos alunos o gosto pela atividade física, a promoção do exercício físico e hábitos de vida saudáveis, e ainda a transmissão da importância dos mesmos para a saúde, no sentido de serem ou se tornarem jovens e adultos saudáveis respetivamente.

### **III. Atividades na Escola**

Múltiplas foram as atividades definidas no plano anual da escola onde realizei o estágio.

Todas elas com os seus particulares objetivos, dirigidas a diferentes populações, no entanto todas elas desenvolveram em mim diversas destrezas, competências, responsabilidades.

Para Perrenoud (2000), a competência é o resultado de um conjunto de recursos cognitivos, saberes, capacidades ou informações, capazes de solucionar situações com pertinência de forma eficaz.

A Escola Secundária de Penafiel tem a constante preocupação de proporcionar aos seus alunos um vasto leque de opções, oportunidades, atividades, todas pensadas ao pormenor, tendo como garantia e especial cuidado a segurança dos alunos, prezando sempre pela integridade física dos mesmos.

Adquiri muitos conhecimentos, prática, ultrapassei diversas dificuldades, ânsias, receios, intervindo prontamente sempre que necessário, ou sempre que solicitada. Trabalhei arduamente no sentido do sucesso, com a preocupação de cumprir as minhas responsabilidades, tratando todos os colegas com cordialidade e respeito, apesar de nunca os ter visto como colegas, mas sim como professores, e de os ter tratado sempre como tal (força do hábito).

Nas primeiras reuniões de grupo, tive conhecimento, que nós, núcleo de estágio, tínhamos a nosso encargo a organização do torneio do gira-vólei. No entanto, estivemos presentes em todas as atividades, nomeadamente na organização de outras, para além da referida.

Na minha opinião, apesar da ocorrência de alguns “percalços”, da existência de tensões entre o grupo, considero que fomos um bom núcleo de estágio, empenhando as nossas forças para evitar a ocorrência de qualquer lacuna.

Foi uma estranha troca de papéis, aquela com que me defrontei. Há poucos anos, não naquela escola mas noutra, estava no papel de aluna, disfrutando ao máximo das atividades que me eram proporcionadas, e ali estava no papel de professora, fazendo todos os possíveis para que outros, os alunos, disfrutassem por sua vez.

Irei referir de seguida todas as atividades, no entanto focar-me-ei essencialmente naquelas cuja responsabilidade passou particularmente pelas “nossas mãos”.

As atividades dos jogos tradicionais, do Compal 3x3 (basquetebol), do Corta-mato, Tag-rugby, Moche cup, a ação de formação de rugby, o Mega Sprint, e o Sarau gímnico, ficaram ao encargo do grupo de educação física da escola, sendo designado para cada uma delas um grupo específico responsável, no entanto com a colaboração dos restantes.

Nestas atividades foram-me atribuídas tarefas/funções, as quais cumpri com o maior brio e empenho.

### **3.1. Ações de formação**

Apesar de serem da responsabilidade do grupo de educação física em geral, fomos nós, núcleo de estágio e a professora Cristina Ferraz, nossa orientadora, que “tomamos as rédeas” da organização da maior parte destas atividades cuja população alvo foi os professores.

A formação de danças de salão, de natação e ginástica contou com a presença de excelentes formadores, que transmitiram informações revestidas de extrema pertinência à prática docente. Alguns dos referidos formadores pertencentes à nossa instituição de ensino, UTAD, nomeadamente o Professor Doutor Nuno Garrido e Professor Doutor Francisco Saavedra.

As inscrições nas referidas ações de formação foram abertas não só a professores da escola, mas também a toda a comunidade docente

interessada fora da mesma. Nestas, alguns dos membros do nosso grupo de educação física contribuíram com iguarias para o coffee break, por sua vez o processo de divulgação, elaboração dos certificados, bem como a organização das necessidades do próprio dia ficaram à responsabilidade da, já referida, professora Cristina e dos seus estagiários, ou seja, à minha e à dos meus colegas.

Para além dos conteúdos e informação adquirida nas diversas ações de formação, todo o processo inerente à organização deste tipo de eventos foram extremamente pertinentes para mim.

A organização da ação de informação que estendemos à comunidade escolar, e a organização do congresso “A escola hoje” ficaram assim facilitadas e beneficiadas por esta experiência que fomos adquirindo.

A esta atividade farei, mais adiante, uma pormenorizada descrição, uma vez que os seus conteúdos espelharam aqueles que apresentamos no Congresso.

### **3.2. Gira-vólei**

Tal como referi inicialmente neste capítulo do meu relatório referente ao estágio, a organização desta atividade esteve à nossa inteira responsabilidade. No entanto, contamos com o incansável apoio da Associação de voleibol do porto (AVP), bem como dos restantes docentes do grupo disciplinar ao qual pertencemos.

Ficou à nossa responsabilidade a dinamização/organização do torneio, a solicitação do meio de transporte para transportar o material necessário desde a sede da AVP à escola e vice-versa, o transporte dos alunos ordeiramente para o local de realização do torneio (fora do recinto escolar), a verificação e solicitação dos pontos de luz, organização da logística do torneio, a encomenda das medalhas para a entrega de prémios, e a montagem e desmontagem do material.

Esta atividade foi destinada ao terceiro ciclo e ensino secundário.

Muita tensão e trabalho envolveram esta atividade. Como responsável por esta instituição escolar, o Sr. diretor da escola, reflete sempre no mais ínfimo pormenor para que seja salvaguardada a segurança dos alunos e dos respetivos bens. Desta feita não foi exceção, e surgiu o “problema” do armazenamento e salvaguarda dos bens materiais dos alunos participantes no torneio, aquando a realização do mesmo. A atividade em questão teve a pontas de ser cancelada devido à inexistência de uma solução fiável. Após tanto trabalho, desde a mais detalhada e atenta verificação do extenso quadro competitivo, a todo o restante tempo despendido no processo organizativo, a “nossa atividade” esteve “por um fio”.

Quando se encontrou uma solução para este pequeno contratempo, surgiu um bem maior. A montagem do material, que deveria ser feita na tarde ou noite anterior ao dia do torneio, ficou condicionada devido ao esquecimento, por parte do Sr. Diretor, do aluguer do espaço. Este estaria ocupado por equipas da modalidade de futebol até tardias horas.

Apesar de não ter passado muito tempo desde aquele dia, recorro a tensão, o nervosismo que por ali pairava. Mais uma vez, a atividade esteve prestes a “morrer na praia”, sem uma solução à vista. Partiu de nós, professoras estagiárias, de mim e da minha colega e amiga Joana, a solução para o problema. Dirigimo-nos de imediato a cada professor do grupo, solicitando a sua presença e ajuda pela madrugada para a montagem do material, para que tudo estivesse pronto a tempo e horas do início previsto do torneio.

Obtivemos respostas positivas, e portanto pelas 6:00 horas da madrugada, ainda escuro e com o frio a fazer-se sentir, iniciamos a preparação de todo o espaço.

Com boa disposição, risadas e algum cansaço à mistura, (espírito de sacrifício, pois foi assim que sempre vi os professores de EF, e que me levou a enveredar por estes caminhos), tudo ficou preparado ainda antes da chegada dos alunos ao local.

Pelas 9:00 horas a música animada fazia-se ouvir no campo relvado sintético do parque desportivo das Lajes. O sol brilhou naquele dia como se fosse um presente por todo o esforço realizado.

O sucesso, a boa disposição e a prática desportiva saudável marcaram esta atividade, ficando as boas recordações, os grandes momentos, e acima de tudo a noção de que “a união faz a força”.

### **3.3. Desporto escolar**

“O Desporto Escolar é “(...) o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e de ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo” (Artigo 5.º - “Definição”, Secção II – “Desporto Escolar”, do Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de fevereiro). Mais ainda, como refere o preâmbulo deste diploma, “(...) o Desporto Escolar deve basear-se num sistema aberto de modalidades e de práticas desportivas que serão organizadas de modo a integrar harmoniosamente as dimensões próprias.”

(In Programa do desporto escolar 2013-2017)

Desde os primeiros dias, que deram início ao desporto escolar de ginástica acrobática, o núcleo de estágio ao qual pertenci, esteve presente.

Inicialmente ao nível escolar, uma vez que as provas regionais se realizaram apenas perto do final do ano letivo no complexo desportivo da Maia, ao qual acompanhei os alunos.

Desde os treinos semanais, às provas de competição da fase Tâmega, que foram três, auxiliamos a professora orientadora responsável por este grupo equipa.

Durante as primeiras semanas ficamos responsáveis (uma semana cada um dos estagiários) pelo aquecimento e preparação física dos alunos. Os treinos, inicialmente, realizaram-se às quartas e sextas-feiras, das 15:00 horas às 18:30 e das 17:00 às 18:30 respetivamente.

Nestes tempos extra aulas, para além da oportunidade e o acesso ao desporto e à prática de exercício físico, estes alunos contactaram com um ambiente no qual se competiu e lutou pelos bons resultados, transmitiu valores de união, amizade, cooperação e espírito de equipa, no qual se viveram momentos de diversão e muito trabalho.

Acompanhamos todas as etapas pelas quais este grupo passou, desde aquele espaço de treino ao campeonato regional.

Durante este percurso, organizamos os três encontros referidos de apuramento para o campeonato regional, elaboramos coreografias, treinamos os grupos que nos foram atribuídos, fomos colaborando na construção das coreografias realizadas para as atividades da escola nas quais este grupo participou, fomos ajudando uns e outros, lutando todos por um objetivo comum.

Foram muitas horas dedicadas a estes jovens. Foram horas e horas a fio. Se inicialmente o DE funcionava naqueles horários, nas semanas que antecederiam as provas permanecemos na escola ainda mais horas. Por vezes, saímos da escola passadas as vinte horas, e no outro dia, sábado, pela manhã bem cedo, tínhamos que estar presentes, com um sorriso prontos para trabalhar e apoiar “os nossos meninos”.

Não foram tempos fáceis. O cansaço fez-se sentir insistentemente, e tive que ir buscar forças, a um local que ainda hoje desconheço, para me aguentar firme, com força e acima de tudo competente, nunca descorando das minhas funções.

Para além da organização das referidas provas, no final de cada uma delas, colocávamos tudo nos devidos lugares, arrumando e organizando tudo, para

que o pavilhão ficasse funcional para se retomarem as aulas na segunda-feira seguinte.

As assistentes operacionais, permanentemente presentes no pavilhão, tiveram um papel crucial durante estas atividades, e durante este estágio.

A “Dona Quininha” e a “Dona Maria dos Anjos” foram um pilar de apoio, ajudando-nos incansavelmente nas tarefas que realizamos, apoiando-nos e dando-nos um sorriso amigo em momentos de fadiga, de cansaço, de desilusão.

Confesso que recordo estes tempos como importantes mas duros.

Nas semanas que antecederam o campeonato regional, prestamos apoio aos alunos, estando presentes nos treinos todos os dias nos quais estávamos na escola, ou seja, desde terça a sexta-feira.

A conciliação entre este tempo que despendíamos aos alunos com os trabalhos que tínhamos que realizar, desde a planificação das aulas, a preparação para a ação de informação, o congresso escola hoje, o trabalho extra escola, não foi tarefa fácil.

Dias de pouco descanso, numa rotina agitadíssima, durante os quais as poucas horas de sono deram por vezes lugar a insónias provocadas pelo nervosismo, pelo receio que algo pudesse falhar.

Para além das referidas atividades, ainda tive oportunidade de acompanhar os alunos no corta-mato de Lousada, fase regional. Lousada, local no qual estive presente pela última vez enquanto aluna. Mais uma vez me tive contacto com a estranha perspectiva de ser professora, e um pequeno desejo de poder voltar ao meu antigo papel.

### **3.4. Direção de turma**

Pude assistir ainda ao empenho e dedicação que esta escola presta aos seus alunos, e conhecer o modo como funciona uma direção de turma. Para

além de nossa orientadora, a professora assumiu também a função de diretora de turma do 10º F, turma à qual lecionou EF durante o ano letivo.

Todos os documentos importantes referentes a este processo foram-nos fornecidos pela mesma. Ficamos a conhecer um pouco o modo como se lida com os encarregados de educação, como se constrói um PCT (plano curricular de turma), bem como as funções de um diretor de turma.

Todas estas atividades enriqueceram-me como profissional e como pessoa.

Adquirit inúmeras competências, e alguma experiência, pois tenho a plena noção de que o tempo me fará ganhar muito mais.

Olhando para “ontem” avalio como extremamente positiva a minha participação/envolvência nas atividades, e olhando para “hoje”, paro, reflito, e verifico que a “minha bagagem” está mais cheia, mais rica. Considero-me muito mais exigente, mais competente, mais profissional, e acima de tudo mais preparada. Sinto que me tornei mais do que aquela jovem estudante que entrou naquela escola pela primeira vez, sem noção do que era a realidade.

## **IV. Tarefas de Estágio de Extensão à Comunidade**

### **4.1. Ação de informação na escola “Avaliação”**

“Ainda que “avaliação continue a ser um tema controverso”, em termos globais, tem vindo, progressivamente, a ocupar um espaço cada vez mais importante em todos os domínios da atividade humana, nas mais diferenciadas áreas (...)” (Gonçalves et al., 2010 p 9).

Provavelmente a maioria dos meus colegas estagiários, pertencentes a este ano de mestrado, não tiveram à sua responsabilidade a organização de uma tarefa como esta, que nós, núcleo de estágio da Escola Secundária de Penafiel, tivemos que organizar. Uma ação de informação. Portanto, não podia deixar de referir, esta atividade como uma das mais importantes tarefas que realizamos ao longo do ano, tendo esta a particularidade de ter sido extendida à comunidade, ou seja, não só para os alunos como a maioria das restantes atividades.

Ao iniciarmos o estágio na referida escola, sabíamos que teríamos que organizar uma ação de informação, anteriormente à apresentação no congresso “A escola hoje”, a realizar-se na UTAD, o estabelecimento de ensino da nossa formação inicial. Portanto posso desde já dizer, que estas duas atividades se interligaram neste nosso ano de formação.

Várias foram as reuniões para se determinar a data de realização do congresso. E, após estar definida, definiu-se também a data da “nossa atividade” a realizar na escola. O tema apresentado foi o mesmo em ambas as atividades, no entanto a população alvo foi um pouco diferente.

A ação de informação intitulada de “Avaliação”, realizou-se no dia 15 de maio pela parte da tarde, e foi aberta a toda a comunidade interessada em participar.

Informaram-nos no início do ano letivo que teríamos que pensar e escolher um tema para a elaboração de um trabalho científico. De entre os vários objetivos deste trabalho, um deles seria o de ser apresentado publicamente.

Surgiu a ideia de elaborarmos um trabalho ou realizarmos um estudo sobre um tema que fosse do interesse da escola, na qual decorreu todo o descrito estágio pedagógico, de acordo com a realidade na qual estava inserida.

Para nos ajudar na escolha de um tema pertinente, ninguém melhor que o Sr. Diretor da escola, constantemente atento. Dirigimo-nos, então, ao mesmo na expectativa de surgir um tema que para além de ser útil e pertinente, suscitasse o nosso interesse. Durante este diálogo concluiu-se que uma área de extremo interesse seria a da avaliação, pela importância com que se reveste nos dias de hoje, quer para professores, quer para alunos.

Após algum tempo de reflexão, decidi que o estudo por mim realizado iria incidir particularmente na avaliação formativa, e teria como objetivo conhecer as práticas de avaliação dos professores da escola, tentando conhecer também a importância atribuída à referida modalidade de avaliação pelos mesmos.

E, uma vez que a escola várias vezes referida incide muita atenção neste fulcral aspeto da vida escolar dos alunos, considerei importante verificar estes aspetos.

Durante o estágio, fui adquirindo um grande respeito e uma grande admiração pela escola, pela atenção e ajuda que presta aos alunos, sendo estes a sua maior preocupação. É aquele tipo de escola que “se lembra” que sem alunos não há escola, nem professores.

Após o tema estar relativamente definido, reunimo-nos com o supervisor do nosso núcleo de estágio, Professor Doutor Nuno Garrido, que nos transmitiu alguns conhecimentos, e nos facultou algumas ideias, disponibilizando também a sua ajuda.

Comecei então a trabalhar na elaboração do já referido estudo, elaborando o questionário que me permitiu obter resultados e chegar conseqüentemente a conclusões.

Este instrumento foi elaborado com base na literatura existente e posteriormente validado pela Professora Doutora Agata Aranha.

Posto isto, solicitei na secretaria uma lista com o nome de todos os docentes da escola, do ensino secundário regular, no entanto esta informação não estava disponível. Forneceram-me “arquivos” com os horários de todos os docentes da escola, e com este material verifiquei um a um.

Terminada esta tarefa, e depois de ter obtido um número exato, imprimi os questionários necessários e distribui pelos docentes que aceitaram participar neste estudo. Dos 100 professores que lecionavam na escola, apenas 59 responderam e entregaram o referido documento.

Após uma extensa revisão da literatura, da recolha e tratamento de dados, bem como da discussão dos mesmos, com a preciosa ajuda do Professor Garrido, e da professora orientadora Cristina Ferraz, concluí a elaboração do artigo pretendido. Este foi submetido a várias correções efetuadas pelos referidos docentes.

Concluído este processo, cada professor estagiário deste núcleo teve que apresentar o seu trabalho.

A ação de informação foi divulgada semanas antes ao dia da sua realização, através das redes sociais, cartazes distribuídos por vários estabelecimentos de ensino dentro e fora do concelho de Penafiel, através da página da escola, para dar a conhecer à população que se poderia inscrever e como o fazer.

Esta atividade englobou inúmeras tarefas, dentro das quais a solicitação de patrocínios (para que tivéssemos um apoio material ou monetário), a elaboração dos certificados de participação, a definição do programa do evento, e todos os procedimentos inerentes às necessidades do próprio dia tais como o coffee break, e a compra de uma lembrança a oferecer ao Sr. Diretor por ter aceitado o nosso convite em realizar uma preleção nesta atividade.

Com o intuito de tornar a minha preleção um pouco mais atrativa e interessante, decidi, um pouco incentivada pela professora orientadora, recorrer a um programa informático mais dinâmico o “Prezi”. Uma vez que a maioria utiliza geralmente o “power point”, este apresentou-se como uma novidade. Desconhecia-o inicialmente, no entanto fui investindo um pouco do meu tempo a investigar sobre ele, e a “praticar”. Esta estratégia de apresentação resultou muito bem, pois o meu objetivo foi conseguido. A uma apresentação multimédia diferente, tentei aliar um discurso fluido, e descontraído.

Poderia descrever mais pormenorizadamente esta atividade, no entanto, na minha opinião, importa apenas realçar o facto de a ação de informação ter decorrido normalmente, e de termos sido felicitados no final. Após termos analisado os inquéritos de qualidade fornecidos no início desta atividade, concluímos que todos os participantes compreenderam a informação por nós transmitida, e ficaram satisfeitos.

A organização desta atividade e esta primeira apresentação ao público do nosso trabalho, foram uma mais valia, uma vez que adquirimos mais tranquilidade e “à vontade” durante a preleção que realizamos dias depois no referido congresso.

#### **4.2. Ação de Formação (Comunicação no Congresso “A Escola, Hoje!”)**

Como anteriormente justifiquei a escolha do tema que apresentei nesta importante atividade, debruçar-me-ei nos sentimentos experimentados e nas estratégias utilizadas durante a oportunidade que surgiu em expor um trabalho por mim realizado, num congresso de elevada importância, diante de um público exigente e atento.

Após todo o nervosismo e ansiedade sentidos na ação de informação, rapidamente chegou mais um importante momento da nossa etapa de formação, “o congresso”.

Em anos transatos assistimos às preleções de professores estagiários, no entanto era a nossa vez de assumir o lugar de apresentadores, abandonando o de espectadores como havíamos sido até então.

O evento teve lugar na aula Magna da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, nos dias 17, 18 e 19 de maio do ano de 2013, contando com a participação de todos os alunos do Mestrado em ensino de Educação Física nos Ensinos básico e secundário, e ainda de convidados vindos de fora da referida instituição.

Todos os mestrandos tiveram que elaborar o seu artigo e organizar a sua apresentação. Todos os artigos por sua vez foram reunidos e publicados em livro.

O programa saiu semanas antes, e portanto verifiquei que iria realizar a minha apresentação no primeiro dia do congresso. À minha responsabilidade e de mais alguns colegas, tinha também a organização do coffe break. Nos dias que antecederam o referido evento o nervosismo teimava em não dar “tréguas”. Para além da preocupação de que nada faltasse ou falhasse no dia, a minha maior residiu na apresentação em si.

Para que tivesse algum impacto positivo como havia tido na ação de informação, resolvi recorrer de novo ao “Prezi”. Foi necessário no entanto modificar algum texto que considerei necessário, e organizá-la convenientemente para posteriormente transmitir de novo, desta vez a outro público. Esforcei-me novamente por desempenhar uma postura tranquila, confiante e interativa. Relativamente a este objetivo senti que foi novamente bem conseguido, e que as estratégias utilizadas resultaram eficazmente.

Apesar de estar um pouco nervosa e apreensiva nos minutos que antecederam a minha ida para diante do microfone, assumi um pensamento de confiança, que me ajudou a transmitir de forma perceptível o meu estudo, e toda a informação inerente ao mesmo.

Realço assim mais uma atividade entre muitas realizadas ao longo deste ano letivo, que enriqueceram a minha experiência e o meu conhecimento, e que nos serão extremamente uteis no nosso futuro enquanto profissionais.

---

# 2

**Estudo Desenvolvido**

# **A Importância da avaliação formativa nas diversas disciplinas, na Escola Secundária de Penafiel**

Vieira, Sara<sup>1</sup>; Garrido, Nuno<sup>1</sup>; Ferraz, Cristina<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Trás- Os -Montes e Alto Douro; <sup>2</sup> Escola Secundária de Penafiel

## **Resumo**

O presente estudo teve dois objetivos: conhecer até que ponto os professores do ensino secundário recorrem à avaliação formativa, e a importância que atribuem a esta modalidade de avaliação.

Fizeram parte do estudo 59 professores do ensino secundário regular.

Para a recolha de dados foi elaborado um questionário relativo à avaliação formativa constituído por quatro grupos de questões - o primeiro pretende caracterizar o praticante, pelo sexo, e disciplina que leciona; o segundo por duas questões de resposta sim ou não sobre a capacidade dos professores para classificar os alunos sem o momento de avaliação sumativa, e sobre o contributo da formação dos professores na resposta às necessidades dos alunos; o terceiro relativo à prática da Avaliação formativa (PAF) constituído por 18 itens e o quarto relativo à importância da Avaliação formativa (IAF) constituído por 22 itens (pontuados de 1 a 5, sendo 1-nada importante e 5-muito importante). De acordo com os resultados obtidos  $PAF=81,49\pm 7,97$  e  $IAF=86,60\pm 8,07$  verificou-se que os Professores da Escola Secundária de Penafiel dão elevado ênfase à modalidade de avaliação em questão.

Concluimos que neste estabelecimento de ensino se recorre à avaliação formativa nos processos de ensino e aprendizagem e que se atribui grande importância à mesma por parte da maioria do corpo docente, realçando no entanto a necessidade da alteração das práticas por parte de alguns professores, bem como a formação contínua dos mesmos.

**Palavras-chave:** Avaliação formativa; Práticas pedagógicas; Professores; Alunos;

## 1.1. Introdução

“Avaliar em educação pressupõe a obtenção de informações relativas à qualidade e à eficiência de uma determinada ação educativa e permite emitir um juízo de valor a seu respeito. “ Caracteriza-se também pela utilização do juízo emitido, permitindo decisões que implicam ações posteriores. (Coll & Onrubia 1999 cit. por Lopes, 2011, p 15).

Para Freire (2004 citado por Lopes, 2011), a avaliação ajuda o professor a refletir sobre as suas práticas, estratégias e adequação das mesmas aos alunos e ajuda os mesmos a aprender, acompanhando todo o seu envolvimento nas tarefas didáticas.

Professores e alunos devem ter a noção de que a avaliação consiste na recolha de informação necessária para melhorar o desempenho (Aranha 2004 cit. por Gonçalves, Albuquerque, & Aranha, 2010). A avaliação é fundamental ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem, cujo objetivo é a superação das dificuldades dos alunos, sem perder de vista o patamar do sucesso. É um processo que se desenvolve em diferentes momentos, com diferentes objetivos, sendo por isso constituída pela a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e sumativa, que têm, respetivamente, a finalidade de: verificar conhecimento e habilidades previstas, a fim de orientar o aluno para novas aprendizagens; informar sobre as aprendizagens possibilitando reajustes no processo e superação das dificuldades; classificar,e/ou realizar um balanço, de acordo com os objetivos previstos.(Bloom et al., 1971 cit. por Queiroz, 2010). Neste sentido realça-se a complementaridade e articulação das diferentes modalidades de avaliação (Vieira & Moreira, 1993 cit. por Barreiro, 2009).

Scriven, em 1967 (cit.por Barreira, Boavida, & Araújo, 2006, p 95), estabeleceu, pela primeira vez a diferença entre a avaliação formativa e a avaliação sumativa. Enquanto que esta é feita no final de um período de ensino para decidir a continuação de um determinado programa, a primeira é realizada durante o decurso do programa, para introduzir ajustamentos no sentido do seu aperfeiçoamento. (Barreira, Boavida, & Araújo, 2006, p 95). Para Birzea (1984 cit. por Gonçalves et al., 2010, p 56) “a avaliação sumativa, ou final, tem mais por função constatar o insucesso do que

promover o sucesso escolar. Ou seja, enquanto que à avaliação sumativa se costumam atribuir as funções sociais da avaliação (selecção, hierarquização, certificação), à avaliação formativa atribuem-se as funções pedagógicas (ajuda, diagnóstico, regulação...)” (Boavida et al. cit. por Barreira et al., 2006, p 98). Portanto, “a avaliação sumativa (...) deverá ser entendida como um meio para se conhecer mais sobre uma determinada realidade, numa perspectiva de se aperfeiçoarem processos futuros” (Rosado & Colaço 2002 cit. por Gonçalves et al., 2010, p 56).

Hoje, cabe aos professores a realização de uma avaliação que tenha em vista a especificidade dos alunos, “individualizada e diversificada”, que se avaliem os diferentes domínios, que se apoiem os alunos com dificuldades, e que se modifiquem práticas pedagógicas e de avaliação. (Barreira et al., 2006, p 96).

Após uma revisão da literatura verificou-se que é dado grande enfoque à avaliação formativa e que, a mesma, ajuda a promover uma aprendizagem mais autónoma por parte do aluno, auxiliando também o professor na construção de uma avaliação mais justa e eficiente. Tal como referem Bloom, Hastings e Madaus (1971 cit. por Barreira et al., 2006, p 96), a avaliação formativa preocupa-se em “determinar o grau de domínio de uma determinada tarefa de aprendizagem e indicar a parte não dominada”, por isso mesmo “o objetivo não é atribuir uma nota ou um certificado ao aluno, é ajudar tanto o aluno como o professor a deterem-se na aprendizagem específica necessária ao domínio da matéria” Bloom, Hastings e Madaus (1971).“ Esta modalidade de avaliação ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar (IIE 1992 cit. por Barreira et al., 2006, p 97). Por sua vez, Bloom, Hastings e Madaus consideram ainda, que a avaliação formativa fornece, assim, um duplo *feedback* (Bloom, Hastings e Madaus 1971 cit. por Barreira et al., 2006).

Também Serpa afirma que “a avaliação formativa deve estar, sobretudo, centrada no aluno e preocupada com os objetivos a alcançar” (Serpa 1997 cit. por Barreira et al., 2006, p 97). Deste modo, funciona como uma espécie de “bússola orientadora do processo de ensino-aprendizagem” (Cortesão, 1993 cit. por Barreira et al., 2006, p 98).

Para Allal (1986 cit. por Barreira et al., 2006), inicialmente o professor recolhe informações relativas aos progressos e dificuldades dos alunos, posteriormente interpreta a informações diagnosticando os fatores que lhes dão origem, e por fim, tenta adaptar as atividades de ensino de acordo as interpretações, respondendo adequadamente a cada situação específica. Segundo o mesmo autor “a orientação individualizada ao longo do processo de aprendizagem é mais vantajosa do que uma remediação a posteriori”.

Gonçalves et al., (2010, p 17) sugerem que “quem avalia tem de dar a conhecer ao objeto de avaliação a forma como vai ser avaliado”, e ainda, que “os parâmetros e critérios de avaliação devem constituir um elemento fundamental de orientação dos alunos.” Léon (1977 cit. por Barreira et al., 2006) indica que as informações recolhidas pela avaliação devem ser transmitidas a alunos e encarregados de educação para que, em conjunto, se possa aperfeiçoar todo esse processo.

Importa ainda salientar a auto avaliação com papel de destaque nesta modalidade de avaliação. Tal como menciona Rosado e Colaço (2002 cit. por Gonçalves et al., 2010, p 63), “a auto-avaliação é uma das pedras basilares da avaliação formativa.” Pois, permite ao aluno a identificação dos erros de percurso, consciencializando-o da sua situação, e contribuindo, desta forma para a melhoria do seu desempenho.

A variedade de conhecimentos que a prática docente impõe e as competências que cada professor necessita de possuir, atribuem à formação do professor um papel fundamental (Bell & Gilbert 1996 cit. por Lopes, 2011). No entanto, em muitas escolas alguns professores sentem-se limitados, sem conseguir dar resposta às exigências da avaliação.

Porém, face à grande preocupação que Escola Secundária de Penafiel revela com o desempenho e sucesso escolar dos seus alunos, tornou-se pertinente a realização deste estudo, tentando conhecer até que ponto os professores do ensino secundário, neste caso, recorrem à avaliação formativa, e a importância que lhe atribuem.

## 1.2. Metodologia

Participaram neste estudo 59 professores, 18 do género masculino e 41 do género feminino, pertencentes à docência do ensino secundário regular da Escola Secundária de Penafiel.

Com o objetivo de avaliar as práticas de avaliação formativa, e a importância atribuída à mesma, foi elaborado um questionário, que consistiu no preenchimento individual, anónimo e confidencial. Constituído por quatro grupos: o primeiro pretende caracterizar o praticante, pelo género, e disciplina que leciona; o segundo constituído por duas questões de resposta sim ou não, o terceiro relativo à prática da Avaliação formativa (PAF) constituído por 18 itens e o quarto relativo à importância da Avaliação formativa (IAF) constituído por 22 itens (pontuados de 1 a 5, sendo 1-nada importante e 5- muito importante). O *score* máximo para a PAF são 105 pontos, para a IAF são 90 pontos. Estes *scores* foram transformados em percentagem assumindo 100% o *score* máximo possível para cada uma das variáveis. Por opção do investigador, as diferentes disciplinas foram agrupadas em áreas, nomeadamente Letras e Humanidades (inglês (8), história (2), espanhol (1), filosofia (4) e português(7)), Ciências (Biologia/geologia (6), físico-química (7), geografia (2), matemática (9), geometria (1) e economia (1), e Educação Física (10).

O questionário foi elaborado especificamente para o presente estudo, e o tratamento de dados foi realizado através do programa Spss – statistical package for the social sciences 17.0. Foi efetuada a estatística descritiva e realizada uma Anova *one way*, considerando as variáveis dependentes IAF e PAF e as respostas às questões dos grupos 2, 3 e 4 do questionário. Relativamente aos grupos 3 e 4, a análise foi realizada considerando o factor fixo áreas com 3 níveis e o teste post hoc de Bonferroni para diferenças entre níveis. Foi considerado o valor de  $\alpha=0.05$ .

## 1.3. Resultados

Após todos os dados estatisticamente tratados, verificou-se que:

Relativamente à questão (II1) “era capaz de classificar os alunos sem o momento de avaliação sumativa?”, 38 docentes responderam afirmativamente, e 21 responderam negativamente .

À questão (II2) “considera que a formação de professores ajuda a dar resposta às necessidades dos alunos?”, 9 docentes responderam negativamente, e 50 afirmativamente.

**Tabela 3:** Resultados das respostas às questões “era capaz de classificar os alunos sem o momento de avaliação sumativa?” e “considera que a formação de professores ajuda a dar resposta às necessidades dos alunos?”

	II1		II2		Total
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	
Letras e Humanidades	15	7	19	3	22
Ciências	13	13	23	3	26
Educação física	10	1	8	3	11
Total	38	21	50	9	59

No que se prende às práticas de avaliação formativa (PAF) e à importância atribuída à mesma modalidade de avaliação (IAF), os resultados obtidos foram os seguintes:

**Tabela 4:** Resultados da média, desvio padrão relativamente à PAF e IAF

	Média± desvio padrão
PAF	81,49± 7,97
IAF	86,60± 8,07

Relativamente (PAF) e à (IAF), os resultados obtidos, de acordo com as áreas expressam-se na seguinte tabela:

**Tabela 5:** Resultados da média, desvio padrão relativamente à PAF e IAF de acordo com as diferentes áreas

	Áreas	Média± desvio padrão
PAF	Letras e Humanidades	80,37± 7,25
	Ciências	83,86± 7,65
	Educação física	78,34±8,34
IAF	Letras e Humanidades	85,42± 9,31
	Ciências	88,33± 7,21
	Educação física	84,54±8,55

No que concerne às comparações efetuadas entre práticas de avaliação formativa (PAF) e à importância atribuída (IAF), com as questão II1, II2, e com as diferentes áreas, os resultados indicam que não existe relação entre as diferentes questões:

**Tabela 6:** Resultados das comparações entre a PAF e IAF com as questões II1, II2, e diferentes áreas

	Relação	F	Sig
PAF	II1	2,580	0,114
	II2	0,481	0,491
	Áreas	1,868	0,164
IAF	II1	1,587	0,213
	II2	0,273	0,603
	Áreas	1,134	0,329

Os valores da PAF e da IAF são independentes das respostas obtidas relativamente à questão II1, II2 e às diferentes áreas.

#### 1.4. Discussão de resultados

Através dos resultados apresentados verifica-se que os Professores da Escola Secundária de Penafiel dão elevado ênfase à avaliação formativa, tal como evidenciam os resultados  $PAF=81,49\pm 7,97$  e  $IAF=86,60\pm 8,07$ . Observa-se que foram os docentes da área das ciências que alcançaram valores das médias mais elevados relativamente à PAF e à IAF (( $PAF=83,86\pm 7,65$ ;  $IAF=88,33\pm 7,21$ ); Letras e Humanidades  $PAF= 80,37\pm 7,25$ ;  $IAF=85,42\pm 9,31$  ; Educação Física  $PAF= 78,34\pm 8,34$  e  $IAF=84,54\pm 8,55$ ). Deste modo, realça-se a contribuição dos docentes, para a melhoria das aprendizagens, da motivação e auto-estima, numa perspetiva de progressão” (Hadji, 1992 cit. por Barreiro, 2009).

Apesar da elevada importância que atribuem à referida modalidade de avaliação, observa-se que 21 professores afirmaram não serem capazes de classificar sem o momento da avaliação sumativa, enquanto que 38 afirmaram o contrário. Perrenoud, (1999 cit. por Barreiro, 2009, p 122) reforça que “enquanto um professor não se concebe como alguém capaz de fazer todo mundo aprender não tem razão alguma para se interessar pela avaliação formativa. Enquanto um professor julgar que o fracasso está “na ordem das coisas” , que há bons e maus alunos, que seu trabalho é o de dar aulas e não o de assegurar uma regulação individualizada dos processos de aprendizagem, a avaliação formativa continuará a ser indiferente para ele.” No entanto, o facto de não se sentirem capazes, pode ser explicado pelo conforto em objetivar a avaliação, à insegurança na fundamentação da sua avaliação (Cardinet 1993 cit. por Barreiro, 2009, p 125) ou “à facilidade de comunicação de um número” (Pacheco, 1995 cit. por Barreiro, 2009, p 125).

Um estudo realizado por Martins *et al.* (2002 cit por Lopes, 2011) mostra que os problemas revelados pelos professores sobre a avaliação surgem associados à falta de uniformização dos critérios de avaliação, aos processos e componentes da avaliação e à dificuldade em construir instrumentos adequados. De acordo com os resultados obtidos, verifica-se que há mais professores, na áreas das Letras e Humanidades (dos quais 15 responderam afirmativamente, e 7 negativamente) e de Educação Física (10 e 1 respetivamente), que dizem ser capazes de avaliar sem o momento de avaliação sumativa, do que professores na área das Ciências (dos quais 13 responderam afirmativamente, e 13 negativamente). “Para empenhar os professores no processo de mudança eles precisam de novos conhecimentos”(Lopes, 2011, p 34). Torna-se evidente que a formação contínua deve ser encarada como um modo de promover o desenvolvimento profissional, para colmatar carências na formação inicial do professor (Lopes, 2011).

No entanto, o facto de serem ou não capazes de classificar sem o momento da avaliação sumativa, não se relaciona com a PAF nem com a IAF, pois  $p > 0,05$ . Além disso, verifica-se que os professores da área das ciências, que em maior número referiram não ser capazes de classificar sem o momento de avaliação sumativa, foram os que alcançaram posteriormente as maiores médias relativamente à PAF e à IAF. Por sua vez a questão II2 “considera que a formação de professores ajuda a dar resposta às necessidades dos alunos?” também não se relaciona com a PAF nem com a IAF, pois  $p > 0,05$ . Conclui-se assim, que, independentemente de terem respondido afirmativa ou negativamente às questões do grupo 2, continuam a atribuir importância à avaliação formativa e às práticas. Segundo o relatório da OCDE, para ser eficaz, a avaliação também deve ser formativa (Lopes, 2011, p 11). Sobre o efeito desta avaliação, Black e Wiliam (1998 cit. por Lopes, 2011), observaram um alto nível de desempenho dos alunos, nomeadamente os que apresentavam um baixo rendimento escolar. Com o presente estudo, pode-se evidenciar que numa escola como a Escola Secundária de Penafiel, que se preocupa e se centra nos alunos, que trabalha no sentido do sucesso e da proficiência, a avaliação formativa torna-se fundamental, salientando-se a necessidade na manutenção das práticas formativas, na alteração de

práticas educativas que diferem da anteriormente referida, bem como a formação contínua de professores.

### **1.5. Conclusão**

Conclui-se que o conceito Avaliação formativa assume lugar de destaque, ao qual se atribui grande importância por parte do corpo docente, e que apesar dos resultados obtidos, torna-se importante referir a necessidade da formação contínua, e da alteração das práticas por parte de alguns docentes pois, afirmam não serem capazes de avaliar sem o momento de avaliação sumativa, e outros indicam que a praticam sem ter uma prática regular, exigente, sistemática desta modalidade de avaliação. Barreira (2001, cit. por Barreira et al., 2006). Assim, estas alterações são fundamentais, para que sejam capazes de responder às necessidades dos seus alunos, e para que a escola consiga alcançar, ainda melhores resultados, caminhando no sentido da excelência.

---

**Conclusões gerais**

*“O futuro tem muitos nomes.  
Para os fracos é o inalcançável.  
Para os temerosos, o desconhecido.  
Para os valentes é a oportunidade.”*  
Victor Hugo

Assim terminou mais uma importante etapa da minha vida. Tal como referi ao longo deste documento, não foi nada fácil, por vezes até difícil. No entanto, este contacto com a realidade nenhum professor estagiário tem consciência, nem como começa, nem como termina.

Dediquei muito do meu tempo aos alunos, ao processo de ensino em si. No entanto foi gratificante verificar a evolução dos alunos ao longo do ano, no fim da cada unidade didática. Foi de igual forma gratificante sentir que os ajudei a superar as suas dificuldades, a desencadear capacidades/potencialidades, sentir que os mesmos confiaram em mim. Recordo com emoção os momentos nos quais sorrimos juntos, nos quais confidenciaram comigo problemas, receios ou alegrias das suas vidas pessoais, nos quais partilhamos emoções.

Foram os alunos a parte mais importante de todo este processo. Pois sem eles, não há ensino, não há escola nem professores. Por vezes foi complicado saber lidar com eles, saber qual a melhor postura a adotar sobre e perante eles.

No entanto, não foram só os alunos que evoluíram. Enquanto professora estagiária fui evoluindo com eles. Fui criando uma melhor relação, sabendo agir melhor perante determinadas situações, liderando mais eficazmente o processo de ensino. Recuando às primeiras aulas, recordo como me sentia sobre a pressão de estar a ser avaliada, de estar sobre o olhar atento de alunos que além de inquietos eram extremamente críticos, de me sentir pouco à vontade na transmissão dos conteúdos, de mal conseguir lidar com todos estes acontecimentos ao mesmo tempo. A formação inicial deveria incidir mais nestes aspetos práticos. Apenas o estágio permitiu ter noção do que é realmente ser professor, das dificuldades que encontramos, e a noção, de que, apesar de termos adquirido muita informação durante a formação que antecede esta etapa, muita dela é inútil, e pouco estamos

preparados para a verdadeira realidade. Fui-me familiarizando com a escola, com as aulas, com os alunos, com toda a orgânica do processo, fui-me sentindo mais à vontade. A minha preocupação deixou de ser a de estar a ser observada, passando a residir na relação com os alunos, na superação de dificuldades a este nível. Não podendo deixar de realçar que a orientação da professora Cristina foi excelente, ajudando-me muito. Com ela “aprendi a ensinar”. Transmitiu-me importantes conhecimentos, proporcionou-me grandes oportunidades, fez-me ver através de várias perspetivas. “ Não me deu o peixe, ensinou-me a pescar” (Gonçalves, et al., 2010)

Tornei-me numa “professora” reflexiva. Refleti cada aula, cada momento bom e menos bom, cada problema, cada estratégia. Verifiquei que de facto, tal como referiu inúmeras vezes a professora Agata “não há estratégias corretas nem incorretas, mas sim corretamente ou incorretamente aplicadas”. Nenhum aluno é igual. As que por vezes resultaram com uns, não resultaram com outros, e portanto foi necessário um constante reajuste das mesmas.

Hoje, sinto-me satisfeita e realizada pelo caminho percorrido, tendo a noção que dei o meu melhor, que me “sacrifiquei”, que nada ficou por fazer para atingir a meta à qual me propus. Se por vezes algo poderia ter sido diferente? Sim. Mas agi sempre com a convicção de que seria o melhor, agindo mais corretamente ao longo do tempo influenciada pela experiência. Concluí que sem trabalho nada feito, e que “nada é impossível” se houver interesse, empenho e dedicação. Concluí que não se dá o devido valor aos professores e à disciplina de educação física, pois só quem tem contacto com a realidade compreende o quão importante e nobre é esta disciplina e esta profissão.

Concluí que a tarefa de ensinar é árdua, que todos os alunos são diferentes, que o professor é “um ator”, e que deve conseguir dar resposta a todos os alunos de acordo com as suas características e/ou especificidades.

Concluí que o processo de ensino aprendizagem exige atenção, preocupação, tempo, cuidado, planificação, exige muito do professor que está disposto a ajudar os seus alunos a evoluir, a aprender.

Apesar da situação política atual do país, a verdade é que o acesso à carreira docente não anima ninguém, principalmente os que, como eu,

“acabam de sair” para o mercado de trabalho. Moviada pela vocação e pelo gosto de ser professora tento não desanimar, e ir atrás do meu sonho, o sonho antigo de ser professora de educação física. Fecho temporariamente a minha mala na procura e na esperança de novas oportunidades. No entanto a mesma “está sempre pronta para abrir” pronta para “enriquecer”.

---

## **Bibliografia**

## Bibliografia

- Barreira, C., Boavida, J., & Araújo, N. (2006a). Avaliação formativa - Novas formas de ensinar e aprender. Obtido Abril 11, 2013, de <https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/jspui/handle/10316.2/4472>
- Barreira, C., Boavida, J., & Araújo, N. (2006b). Avaliação formativa - Novas formas de ensinar e aprender. Obtido Abril 12, 2013, de <https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/jspui/handle/10316.2/4472>
- Barreiro, M. P. (2009). Avaliação formativa: representações e práticas de professores de línguas estrangeiras. Obtido Abril 11, 2013, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11146>
- Bernardy, K., & Paz, D. (2012). Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. Retrieved from <http://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>
- Centro de Saúde de Sernancelhe. (2012, Outubro). O pequeno-almoço e o sucesso escolar. *A importância do pequeno-almoço e do lanche*. Retrieved June 6, 2013, from <http://cssernancelhe2.com.sapo.pt/pequeno-almoco-lanche.htm>
- DGS. (2007, August 24). A actividade física e o desporto: um meio para melhorar a saúde e o bem-estar! *Benefícios da actividade física*. Retrieved June 13, 2013, from <http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/FDB7388A-435E-4F65-BC1A-BAC31B74EFD7/0/i009085.pdf>
- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). *Avaliação. Um caminho para o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem* (1st ed., Vol. 1). Maia: Edições ISMAI.

- Governo de Portugal, Ministério da Educação e Ciência, Direção-geral da Educação, & Desporto Escolar. (2013). Regulamento de candidatura a grupo-equipa de nível III. Retrieved June 16, 2013, from [http://dge.mec.pt/data/dgidc/desporto%20escolar/Programa%20do%20Desporto%20Escolar%202013\\_2017.pdf](http://dge.mec.pt/data/dgidc/desporto%20escolar/Programa%20do%20Desporto%20Escolar%202013_2017.pdf)
- Lopes, T. C. T. (2011). Contribuição da avaliação formativa para o desenvolvimento cognitivo em alunos de física. Obtido Abril 11, 2013, de <http://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/15835>
- Perrenoud, P. (2000, Setembro de). Construindo competências. Retrieved June 15, 2013, from [http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php\\_main/php\\_2000/2000\\_31.html](http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2000/2000_31.html)
- Queiroz, D. M. de. (2010). A avaliação como acompanhamento sistêmico da aprendizagem: uma experiência de investigação-ação colaborativa no ensino fundamental. Obtido Abril 11, 2013, de <http://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/17779>
- Vaz, M. (2011). *Concepções de futuros professores acerca da planificação do processo de ensino-aprendizagem*. Universidade de Lisboa instituto da educação da Universidade de Lisboa. Retrieved June 6, 2013, from [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6304/1/ulfpie040053\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6304/1/ulfpie040053_tm.pdf)